



### DOMINGOS PAULINO — rua

Fica entre as ruas Dona Elídia Ana de Campos e Américo Brasilente Antunes de Moura, no JARDIM D. BOSCO.

A denominação foi dada pela Lei n.º 1.335, de 10 de Setembro de 1955.

#### DADOS BIOGRÁFICOS:

O industrial e jornalista Domingos Paulino nasceu aos 29 de julho de 1883, em Diamante, na Itália, Província de Concenza, e faleceu aqui em Campinas aos 28 de setembro de 1926.

Jornalista dos mais ativos e estimados, iniciou suas atividades em 1908, no jornal de Henrique de Barcelos, "O Comércio de Campinas", revelando-se desde logo, o mais "solerte reporter da cidade". Dedicando-se inteiramente ao jornalismo, fundou inúmeros semanários nesta cidade, entre os quais: "A Bomba" e "A Bola", órgãos patrióticos de defesa dos países aliados durante a "Guerra de 1914". Fundou, ainda, o "Campineiro", que defendeu diversas questões de interesse para a cidade e todos os anos fazia circular uma bem feita edição d'ó "XX de Setembro", anuário comemorativo da marcha sobre Roma, edição em italiano.

Foi ainda diretor de sucursais de vários jornais, participando de inúmeros movimentos ligados ao progresso da cidade e de caráter beneficente. Teve atuação destacado na vida esportiva de Campinas.

D'ó "Correio Popular-Magazine", edição de 20 de setembro de 1949:

"... Domingos Paulino fez-me aproximar de Alvaro Muller, Vicente Melilo e outros lidadores do joraal, o que me ofereceu oportunidade de transformar em "letra de fôrma" alguns dos meus primeiros escritos. Mais tarde, quando lhe saltou nítida a imaginação a verdade de que a profissão de jornalista era então simples "diletantismo" e não o "cadinho" onde o homem devia, com o suor do seu rosto amassar o pão de cada dia para dá-lo aos filhos, Domingos Paulino voltou as vistas para outra atividade e ei-lo com sacrifícios, porém, cheio de fé inabalável, transformado em industrial com a fundação da Tipografia Campineira, inicialmente bem modesta, mas que o seu esforço, o seu trabalho, a sua perseverança fez atingir a posição de um dos mais importantes estabelecimentos da arte gráfica em Campinas.

Entretanto, a nova atividade não absorveu, totalmente, em Domingos Paulino o seu amor pela Imprensa. Continuou êle no cargo de correspondente do "Fanfula" — importante órgão italiano da Imprensa Paulistana — e do "Diário Popular", em cujo desempenho prestou revelantes serviços à Campinas..." (palavras de Cavalcante Pinto).

Alaôr Malta Guimarães

RUA DOMINGOS PAULINO

Lei nº 1335 de 10-09-1955

Formada pela rua 3 do Jardim Dom Bosco e parte da  
rua 3 do Jardim Campinas

Início na rua Dona Elídia Ana de Campos

Término na rua Américo de Moura

Jardim Dom Bosco

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal de  
Campinas Dr. Antonio Mendonça de Barros.

## DOMINGOS PAULINO

Domingos Paulino nasceu em Diamante, provincia de Cozenza, Italia, a 29-07-1883 e faleceu em Campinas, a 26-09-1926. Era filho de Pascoal Paulino e Filomena Romiti Paulino e foi casado com Ursulina Pinheiro Paulino deixando descendência. Vindo para o Brasil com seus pais, aqui chegou em 1889, fixando residência em Campinas, onde começou a trabalhar como oficial de alfaiate e depois como representante comercial da "Cia. Singer" e "Martinelli Cia. de Navegação". Em 1908 inicia suas atividades jornalísticas, ingressando como reporter no "Comércio de Campinas" de Henrique de Barcellos, logo promovido a chefe de reportagem, mercê seu dinamismo e dedicação, tendo mais tarde acumulado o cargo de gerente da conceituada fôlha. Ativo, simpático, prestativo, Domingos Paulino participava das festas patrióticas, culturais e sociais, fazia seus discursos, foi sub-delegado de Polícia e diretor de inúmeras agremiações recreativas e beneficentes. Foi um dos fundadores da Associação Comercial de Campinas, do Circolo Italiani Uniti, hoje Casa de Saúde Campinas, presidente com destacada atuação da Corporação Musical "Carlos Gomes" e um dos membros da comissão que edificou o estádio do Guarani F. Clube, na rua Barão Geraldo de Rezende. Com o desaparecimento do "Comercio de Campinas", Domingos Paulino retira-se da imprensa campineira e dedica-se ao comércio, estabelecendo-se com a "Tipografia Campineira" e edita inúmeros semanários como "A Bomba" e "A Bala" órgãos patrióticos sôbre a Guerra de 1914/18, "O Campineiro", defendendo questões e apontando problemas da cidade, e o anuário "XX de Setembro", em idioma italiano, que todos os anos fazia circular comemorando a marcha sôbre Roma. Dirigiu ainda as sucursais do "Diário Popular", "A Tribuna" e "Fanfula", de São Paulo e "Jornal do Brasil" do Rio de Janeiro. Catolico, anualmente promovia festas populares em louvor a São Roque, Senhor Bom Jesús de Pirapora e São Geraldo.

**LEI N.º 1335, DE 10 DE SETEMBRO DE 1955****Dá o nome de "Domingos Paulino" a uma rua da cidade**

A Câmara Municipal decreta e eu, Prefeito do Município de Campinas, promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1.º — Fica denominada "Domingos Paulino" a Rua 3 do Jardim D. Bosco, a qual tem início na Rua 2 desse loteamento e termina na Rua 4 do Jardim Campinas.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 10 de setembro de 1955.

(a.) — *A. MENDONÇA DE BARROS*, Prefeito Municipal.

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 10 de setembro de 1955.

O Diretor (a.) — *Admar Maia*.

DOMINGOS PAULINO

Domingos Paulino, militou longos anos na "Comercio de Campinas", tendo sido discipulo do grande jornalista Henrique de Barcellos, o chefe que sempre venerou, concorrendo por isso com todo o seu esforço de agrãde-cido sincero, para muitas das homenagens ~~que~~ ~~de~~ o povo campineiro prestou ao insigne homem de imprensa, destacando-se entre outras a via pública inaugurada com o seu nome; o tumulo ~~erigido~~ no Cemiterio da Saudade e a placa instalada no prédio em que residiu e faleceu o grande jornalista.

Domingos Paulino, era o reporter mais dinamico e ativo daquela época, qualidades que nenhum outro o suplantava, ~~mas~~ tornou<sup>lo</sup>-se assim, num auxiliar precioso para o "Comercio", em cujo jornal acumulou os cargos de reporter e gerente.

Em todas as festas, quer patrioticas, culturais ou sociais, era o Paulino que representava o jornal, cargo que sabia desembarcar com todo êxito, pois, os seus discursos eram sempre recebidos com entusiasmo.

Domingos Paulino, graças a sua operosidade, ocupou cargos elevados, tendo sido sub delegado de policia por muitos anos e diretor de inumeras agremiações recreativas e beneficentes.

Foi um dos socios fundadores da Associação Comercial, Circulo Italiani Uniti, hoje Casa de Saúde Campinas e presidente da Corporação Musical "Carlos Gomes" e um dos membros da comissão ~~que~~ edificou o extinto estadio do Guarani F. C. na rua Barão Geraldo de Rezende.

Com o desaparecimento do "Comercio de Campinas", Domingos Paulino retirou<sup>se</sup> da imprensa campineira, tendo se estabelecido no comercio local, no qual tambem, deu provas de sua atividade, como negociante ativo, honesto e trabalhador.

Entretanto, como jornalista apaixonado, não deixou de ~~uma~~ <sup>uma</sup> vez as lides da imprensa, tendo fundado varios periodicos, entre os quais, o "XX de Setembro", "O Campineiro", "A Bomba", "A Bala", os dois ultimos, órgãos patrioticos de defesa ~~dos~~ aliados da Grande Guerra de 1914.

Domingos Paulino, nasceu em Diamante, Italia, tendo chegado ao Brasil com a idade de 5 anos, sendo filho dos falecidos Paschoal Domingos Paulino e Philomena Romitti Paulino.

Faleceu em 26 de Setembro de ~~1925~~ 1926, com 43 anos de idade, sendo que os seus funerais ~~se~~ constituiram-se numa verdadeira consagração popular.



## RUA DOMINGOS PAULINO

Domingos Paulino, jornalista dos mais ativos e estimados de nossa cidade, nasceu em 29 de julho de 1883, em Diamante, província de Cosenza (Itália).

Vindo para o Brasil em companhia de seus pais, sr. Pascoal Paulino e Sra. Filomena Romiti Paulino, aqui chegou no ano de 1889, fixando residência em Campinas, onde começou a trabalhar como oficial de alfaiate e posteriormente, como representante comercial da "Cia. Singer" e "Martinelli Cia. de Navegação".

Iniciando em 1908 suas atividades como jornalista profissional, trabalhou no jornal de Henrique de Barcelos, "Comércio de Campinas", revelando-se desde logo, "o mais solerte reporter da cidade". Foi mais tarde promovido, nesse mesmo jornal, a chefe de reportagens como prêmio à sua dedicação, tendo acumulado, posteriormente, esse cargo ao de diretor-gerente da conceituada folha.

Dedicando-se inteiramente ao jornalismo, Domingos Paulino fundou inúmeros semanários em nossa cidade, engre os quais se destacam: "A Bomba" e "A Bala", órgãos patrióticos de defesa dos países aliados, surgidos por ocasião da Grande Guerra de 1914-18. Fundou ainda o hebdomadário "O Campineiro", que defendeu diversas questões de interesse para a cidade, e todos os anos fazia circular uma bem feita edição do "XX de Setembro", anuário comemorativo da marcha sôbre Roma, em idioma italiano, no qual não só exaltava os vultos e fatos de sua terra natal - a Itália - como também de sua pátria adotiva - o Brasil.

Domingos Paulino foi, ainda, diretor das sucursais do "Diário Popular", "A Tribuna" e "Fanfula", de São Paulo e do "Jornal do Brasil", do Rio de Janeiro.

Participando ativamente de todos os movimentos humanitários e progressistas surgidos na cidade, Domingos Paulino colaborou intensamente para a formação e desenvolvimento de inúmeras agremiações campineiras, tendo sido seu nome inscrito como sócio fundador da Associação Comercial de Campinas e Casa de Sapude Campinas. Integrou igualmente a Comissão Pró Estádio do Guarani F.C. e exerceu por muitos anos o cargo de representante da Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA), tendo também exercido as funções de presidente do Auto F. Clube.

Foi ainda presidente da Corporação Musical Ítalo-Brasileira, no período áureo das comemorações da Independência do Brasil, tendo legado a esta, em sua profícua administração, o prédio de sua séde social, situado à rua Benjamin Constant.

Exerceu também o cargo de sub-delegado de polícia, eviden

Rua Domingos Paulino



ANDV 1.14576

Fls. 2

denciando em todos os momentos o sentido humanitário de suas decisões.

Como vemos, Domingos Paulino foi elemento de real projeção no seio da sociedade campineira, contribuindo grandemente, pelo seu amor à nossa cidade e pelo seu dinamismo, para o maior progresso de Campinas.

Reconhecendo o muito que fez Domingos Paulino pela nossa cidade e pelo jornalismo campineiro, a Associação Campineira de Imprensa prestou-lhe significativa homenagem, inaugurando seu retrato em sua Galeria da Saudade.

Domingos Paulino faleceu em 26 de setembro de 1926; seus funerais constituíram verdadeira apoteose, tendo a população campineira, em reconhecimento aos serviços que prestou a Campinas, comparecido em massa para prestar-lhe sua última homenagem.

(Cópia de fls. 60, do jornal "Diário do Povo", de Campinas, de 13 de abril de 1958, "Edição Comemorativa do 1º Centenário da Imprensa Campineira").

DOMINGOS PAULINO

Jornalista



Exerceu suas atividades como jornalista profissional, no jornal de Henrique de Barcellos — "Comércio de Campinas", onde se revelou o "mais solerte reporter de cidade".

Foi contemporâneo do grande jornalista e advogado, Abílio Alvaro Miller, de Andrélio Pena, Dr. ~~XXXXX~~ Ramiro Garcia e outros vultos do jornalismo campineiro.

Como prêmio a sua dedicação, Domingos Paulino foi promovido a chefe de reportagem, tendo mais tarde, acumulado também, o cargo de diretor gerente a conceituada folha independente que Barcellos editava em nossa cidade. *Clareiro de Campinas*

Ainda na imprensa, Domingos Paulino, fundou inúmeros semanários, entre os quais: "A Bomba" e "A bala", órgãos patrióticos, surgidos por ocasião da grande guerra de 1914-1918 e de defesa aos países aliados.

"O Campineiro", periódico comercial e informativo, defensor da classe.

"XX de Setembro", anuário comemorativo da marcha sobre Roma.

Domingos Paulino, foi ainda diretor das sucursais do "Diário Popular", de S. Paulo; "Jornal do Brasil", do Rio de Janeiro; "A Tribuna", e "Fanfula", da capital do Estado.

Domingos Paulino, foi também, diretor de diversas agremiações tendo o seu nome inscrito como sócio fundador da Associação Comercial de Campinas e Casa de Saúde de Campinas.

Integrou igualmente, a comissão pró construção do Estádio do Guarany F. C. e exerceu por muitos anos o cargo de representante da Associação Paulista de Esportes Atléticos (Apea), tendo dado o melhor de sua colaboração como presidente que foi do (automovel Clube) Auto F. Clube.

Foi presidente da Corporação Musical Italo Brasileira, no período aureo das comemorações da Independência do Brasil, tendo legado a esta em sua profícua administração o prédio de sua sede social, sito a rua Benjamim Constant.

Como sub-delegado de polícia, Domingos Paulino, evidenciou em todos os momentos o sentido humanitário de suas decisões.

Domingos Paulino, dando ainda, sobejas provas do seu ardor patriótico colocava-se sempre frente de iniciativas que tivessem a finalidade de exaltar o amor à pátria.

Como católico fervoroso, organizou várias festas religiosas, ficando na recordação de muitos aquelas que dinâmico jornalista realizou em louvor a São Roque, Senhor Bom Jesus de Pirapará e São Geraldo.

Domingos Paulino foi elemento de real projeção no seio da sociedade campineira, grandemente benquisto por quantos com ele mantiveram relações de amizade. Faleceu em Campinas a 26 de Setembro de 1926. Os seus funerais constituiram-se uma verdadeira apoteose, tendo o povo comparecido em massa tributar ao bom e justo a última homenagem. Inúmeras associações se fizeram representar. A banda musical Italo Brasileira, acompanhou o feretro, tendo executado a marcha fúnebre de Chopin.

*Edm*



## PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

DEPARTAMENTO DE ENSINO E DIFUSÃO CULTURAL

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL

DOMINGOS PAULINO

Domingos Paulino, jornalista dos mais ativos e estimados de nossa cidade, nasceu em 29 de julho de 1883, em Diamante, província de -- Cosenza (Itália).

Vindo para o Brasil em companhia de seus pais, sr. Pascoal Paulino e sra. Filomena Romiti Paulino, aqui chegou no ano de 1889, fixando residência em Campinas, onde começou a trabalhar como oficial de alfaiate e posteriormente como representante comercial da "Cia. Singer" e "Martinielli Cia. de Navegação".

Iniciando em 1908 suas atividades como jornalista profissional, trabalhou no jornal de Henrique de Barcelos, "Comércio de Campinas", revelando-se, desde logo, "o mais solerte reporter da cidade". Foi mais tarde promovido, nesse mesmo jornal, a chefe de reportagem como prêmio à sua dedicação, tendo acumulado, posteriormente, esse cargo ao de diretor-gerente da conceituada fôlha.

Dedicando-se inteiramente ao jornalismo, Domingos Paulino fundou inúmeros semanários em nossa cidade, entre os quais se destacam "A Escada" e "A Bala", órgãos patrióticos de defesa dos países aliados, surgidos por ocasião da Grande Guerra de 1914-1918. Fundou ainda o hebdomadário "O Campineiro", que defendeu diversas questões de interesse para a cidade, e todos os anos fazia circular uma bem feita edição do "XX de Setembro", anuário comemorativo da marcha sobre Roma, em idioma italiano, no qual não só exaltava vultos e fatos de sua terra natal - a Itália - como também de sua Pátria adotiva - o Brasil.

Domingos Paulino foi, ainda, diretor das sucursais do "Diário Popular", "A Tribuna" e "Fanfula", de São Paulo, e do "Jornal do Brasil", do Rio de Janeiro".

Participando ativamente de todos os movimentos humanitários e progressistas surgidos na cidade, Domingos Paulino colaborou intensamente



# PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

DEPARTAMENTO DE ENSINO E DIFUSÃO CULTURAL

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL



para a formação e desenvolvimento de inúmeras agremiações campineiras, tendo sido seu nome inscrito como sócio fundador da Associação Comercial de Campinas e Casa de Saúde Campinas. Integrou igualmente a Comissão Pró Estádio do Guarani F. C. e exerceu por muitos anos o cargo de representante da Associação Paulista de Esportes Atléticos (Apea), tendo também exercido as funções de presidente do Auto F. Clube.

Fez ainda presidente da Corporação Musical Ítalo-Brasileira, no período áureo das comemorações da Independência do Brasil, tendo legado a esta, em sua profícua administração, o prédio de sua sede social, situado à rua Benjamin Constant.

Exerceu também o cargo de sub-delegado de polícia, evidenciando em todos os momentos o sentido humanitário de suas decisões.

Como vemos, Domingos Paulino foi elemento de real projeção no seio da sociedade campineira, contribuindo grandemente, pelo seu amor à nossa cidade e pelo seu dinamismo, para o maior progresso de Campinas.

Reconhecendo o muito que fez Domingos Paulino pela nossa cidade e pelo jornalismo campineiro, a Associação Campineira de Imprensa prestou-lhe significativa homenagem inaugurando seu retrato em sua Galeria da Saudade.

Domingos Paulino faleceu em 25 de setembro de 1926; seus funerais constituíram verdadeira apoteose, tendo a população campineira, em reconhecimento aos serviços que prestou a Campinas, comparecido em massa para prestar-lhe sua última homenagem.

(Extraído do Documentário sobre Campinas, da Biblioteca Pública Municipal, do Departamento de Ensino e Difusão Cultural.)



## A S B A N D A S D E C Á

## XIII

Campinas, desde à metade do século passado já se orgulhava de possuir uma das melhores corporações musicais do país, e eram raras também as fazendas que não tinham as suas "charangas" e "bandas", com excelentes músicos e estes, por amor à arte, faziam questão de pertencerem às mesmas, pois só o fato de tornar-se músico representava algo com que o indivíduo se sentia como que sublimado. Em 1816, além do moço mulato da Parnaíba, Manuel José Gomes, mais conhecido como "Maneco Músico", vários eram os professores de música que aqui residiam. A maioria deles vivia da lavoura e do comércio e nas horas vagas dedicavam-se à arte de ensinar e tocar instrumentos musicais. Com o passar dos anos, era o "Maneco Músico" o mais procurado na então Vila de São Carlos, como era então conhecida. Em 1846 estava programada a visita do Imperador D. Pedro II à vila e quem passasse pela rua da Matriz Nova (atual Regente Feijó), notaria por certo grande afluência de pessoas, que penetravam e desapareciam pelo interior de uma casinha de porta e janela localizada naquela rua, entre a rua da Cadeia (rua Bernardino de Campos) e o Beco do Caracol, atual Benjamin Constant. Pela sua capacidade comprovada, "Maneco Músico" foi procurado pelas autoridades locais para que organizasse



e apresentasse uma corporação musical à altura do prestígio, que então gozava a nossa cidade perante a Córte Imperial. "Maneco Músico", naquele ano de 1846, havia fundado a corporação musical denominada "Banda Marcial", sucedendo-se os ensaios durante dias e noites, terminando às vèzes às altas horas da noite; o enérgico e irascível paraibano, quando tinha a batuta na mão, não dava um minuto de descanso aos que se achavam debaixo de suas ordens. "O Chico", Modesto de Lima, padre Sant'Ana, mais conhecido como "Nhô Quim", Joaquim Pium, os irmãos Monteiro, o Ernesto, pintor, Ramos, o velho, o Juca Ramos, o Joaquim Seleiro, o Tubica, os dois filhos do maestro, o rapazola Juca, (Sant'Ana Gomes) que tocava clarinete, e o seu irmãozinho o "Tónico" (Carlos Gomes) que, sonolento, ao fundo da sala, tocava quase maquinalmente o ferrinho (triângulo), formavam o grupo. Um ano depois essa mesma corporação passa-se a denominar "Orquestra e Banda Campineira", sempre na direção do rígido "Maneco Músico", que passa a tomar parte em quase tódas as festas religiosas e profanas que se realizavam na ex-Vila de São Carlos; mais tarde José Pedro de Sant'Ana Gomes organiza uma corporação musical que passaria a denominar-se "Banda Musical de Amadores Filorífênicas". "Juca Músico", como era mais conhecido, arregimentara nessa corporação musical a fina flor da sociedade campineira, destacando-se entre elas eminentes personalidades que muito contribuíram no campo educacional e político da época. Podemos apontar os seguintes elementos que pertenceram à "Filorífênica": "Chico Pingura", Bento Quirino e Custódio M. Alves, que tocavam bombardino, Pires da Motta e Vilarinhos, pistonistas, José Delmont, trompista, Carlos Bressane e Francisco P. Simões dos Santos, que tocavam trombones, no sax estavam o Sampainho, Antunes Pereira e Leão Cerqueira, bombo e pratos, o Juca Cruz, Francisco Teodoro no bombardão, Bento Pires no requinta, na caixa o José Xavier e nos clarinetes Antonio F. de Souza e o maestro "Juca Músico". Além da banda, existia também a "Orquestra Filorífênica", dirigida também por aquêl maestro, onde se encontravam João C. Cezarino, Joaquim A. da Silva Camargo, capitão Luiz Pupo de Moraes, o rábula Francisco Glicério, mais conhecido como "Chico", e muitos outros. Naquele ano de 1864, a banda de "Juca



Músico”, para desgosto deste, era também conhecida como a “Banda de Baixo”, em vista da séria concorrência que lhe fazia a então “Banda Romana”, dirigida por Joaquim Romão que, para gáudio deste, era também conhecida como a “Banda de Cima”. Nesse mesmo ano apareceram mais duas bandas musicais denominadas “Banda da Santa Cruz” e a “Euterpe Infantil”, que tiveram poucos anos de vida. Em 1870 é fundada pelos irmãos Elisário, Cândido, Floriano e Antonio Alvaro de Souza Aranha a “Banda Mato Dentro”, dirigida pelo maestro Azarias Dias de Melo, sendo a mesma dissolvida em 1875. Quando da inauguração da Estação da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, a 11 de agosto de 1872, além de uma corporação musical que viera da capital, lá estavam para os festejos as duas bandas, a de “Juca Músico” e a “Banda Fazenda S. Maria”, compostas tão somente de músicos negros escravos, pertencentes ao fazendeiro Comendador Viçela. Com a morte de “Maneco Músico” ocorrida, anteriormente, a 11 de fevereiro de 1858, Sant’Ana Gomes havia tomado o encargo de continuar a obra iniciada por seu pai, pois tinha um nome a zelar, considerando-se ainda ser irmão de Carlos Gomes. Em 1880 é fundada a Sociedade Luiz de Camões, e com esta, uma banda musical com o mesmo nome. Em 1889 sob a regência de Moreira Lopes, é fundada a “Banda Carlos Gomes”, em homenagem ao insigne maestro que soubera elevar bem alto o nome do Brasil. Mais tarde essa corporação é dissolvida, sendo fundada outra com o mesmo nome pelo maestro Agide Azzoni, que também não tivera longa duração. Em 1894 é formada nova corporação musical denominada “União Operária”, sob a regência do maestro Juvenal Plácido da Costa, que também desapareceu no segundo decênio deste século, por questões financeiras. O ano de 1895 tinha sido o climax da imigração italiana em nosso país, e a maior parte dela havia sido encaminhada para o Estado de São Paulo; dessa forma Campinas tomava novo impulso com a vinda desses peninsulares. Tanto a lavoura como o comércio passaram a fazer maiores movimentos. Dotado de índole artística resolvem os italianos arregimentar os “paisanos” interessados em música. Assim, a 4 de julho de 1895, é formada a “Banda Italo-Brasileira” que, sob a regência do maestro Constantino Soriani, é composta dos seguintes músicos,



na maioria de origem italiana: Giuseppe Troiano, Romualdo Suriani, Panfilo Sabatini, Giovanni Suriani, Michel de Felippis, Gabriel de Vasconcelos, Ernesto Ricci, Benjamin C. da Silva, Pompeu de Túlio Sobrinho, Martinho Badhe, Carlos e Clemente Hilchner, Paulo Suriani, Marotta Antonio, Marcos Vivarelli, Atilio Dangieri, Giustino Scamuffo, Domenico Curcio, Francisco Tullio, Humberto Troiano, Natale Salateu e Francisco Vevoni. Com o passar do tempo notava-se que o aparecimento da "Banda Italo-Brasileira" provocou o surgimento de novas corporações de música e dentre elas podemos apontar: "Banda da Fazenda Chapadão", "Banda da Fazenda Recreio", ambas sob a regência de Leoncio da Silva, "Soc. Musical Lira de S. Benedito" com a regência de Luiz Monteiro, "Banda Brasileira" do maestro Salvador Bueno de Oliveira, "Banda Garibaldi", "Musical Campineira de Homens de Cór", dirigida por João de Oliveira, "União Campineira de Cór", "Banda Progresso"; fundada por Giuseppe Troiano, em fins de 1913, isso sem contarmos com inúmeras "charangas" que existiam e das bandas militares, que pertenciam ao governo. Em 1905, sob a direção do maestro Zimbres, é organizada a famosa "Banda do Boi", corporação que durante muitos anos divertiu o povo campineiro nas épocas carnavalescas. Em 1909, a "Banda Italo-Brasileira", comemorando o seu décimo quarto ano de existência, fez realizár grandiosa retreta no então "Jardim Público" (hoje Praça Imprensa Fluminense) que ficou totalmente tomada. Foram convidadas muitas personalidades da cidade de São Paulo e do interior, que não regatearam aplausos à então famosa banda que ia se tornando conhecida como uma das mais perfeitas das existentes no país. Por certo ainda está gravada nos corações dos antigos campineiros esta festa em que tomaram parte os seguintes músicos, sob a batuta do não menos famoso Troiano: Marco Vivarelli, Francisco Tullio, Constantino Suriani, Paulo Suriani, Emilio Rossini, Raúl da Luz, Diogo I. Bratfish, Atilio Dangieri, Augusto Moreira, Domenico de Curcio, Miguel de Felippis, Olivio Trevisalli, João Suriani, Natale Salateo, Humberto Troiano, Justino Scamuffo, Lourenço Luppi, Palmerino Suriani, Pampilo Sabatini, Martinho Badhe, Olivio Catuzzo, Leopardo Russo, Jaime Pires, Pompeo de Tullio e Giuseppe Pizzati, este último, apesar de seus



longos janeiros às costas, pode ser visto nas retretas que são realizadas atualmente no coreto da Praça Carlos Gomes. Naqueles mesmos dias, durante os festejos que se realizavam, José Veneri é aclamado presidente benemérito pelo muito que havia feito em benefício da "Banda Italo-Brasileira" e, além daquele cavalheiro, podemos apontar a figura do saudoso Domingos Paulino, outro elemento que muito trabalhou em prol da música em nossa terra: foi eleito por diversas vezes, presidente da "Banda Italo-Brasileira" e em 1911 eleito também presidente da "Banda Carlos Gomes". Os anos foram decorrendo e pelas trilhas que a "Banda Italo-Brasileira" ia passando, ficavam os sulcos de grandes sucessos que se acumulavam de ano para ano. Quando dos festejos do centenário de 1922, aquela corporação é convidada a tomar parte dos mesmos, que se realizavam no Rio de Janeiro, com a presença de Epitácio Pessoa, então presidente da República e do Réi da Bélgica, que se achava em visita ao nosso país. Os componentes da Banda foram aplaudidos freneticamente por todas as altas autoridades ali presentes. Essa caravana havia sido organizada e dirigida pelo jornalista Alvaro Ribeiro que, em companhia de Domingos Paulino, não mediu esforços e sacrifícios para poder apresentar ao povo brasileiro uma corporação digna do nome de Campinas. Mais tarde outras bandas musicais foram organizadas, entre elas a "Corporação Musical Campineira dos Homens de Cór", fundada pelo maestro João de Oliveira e atualmente dirigida pelo sr. Venâncio Pompeu, que vem servindo o público campineiro desde 11 de junho de 1933, data de sua fundação e "Banda Santa Cecília", fundada em 1946, que também vem cooperando nas retretas que se realizam em nossa cidade. Quando da última Guerra Mundial, por questões políticas, a Banda "Italo-Brasileira" foi obrigada a ter outra denominação, passando a ser conhecida até hoje como "Banda Carlos Gomes".

As grandes corporações musicais que Campinas possuía no passado ficaram reduzidas a três, que lutam com dificuldades e à continuar assim, em breve, não teremos mais retretas musicais em Campinas, pois não temos no momento nem direito de afirmar que as "bandas de cá" são melhores que as "bandas de lá"...

(Extraído de fls. 161 a 169 do livro "Retalhos da Velha Campinas" de autoria de Geraldo Sesso Júnior, Empresa Gráfica e Editôra Palmeiras Limitada, Campinas, SP, 1970)

# Domingos Paulino veio da Itália e fez jornalismo

ANEXO 1 1454-15

B. P. M. "Prof. E. M. Zink"

Campinas

*Documentário de Campinas*

Domingos Paulino, chegou ao Brasil em 1889, procedente de sua terra natal, Diamante, província de

Consenza, Itália. Fixou residência em Campinas, passando a ser aprendiz de alfaiate.

No fim do século passado, Henrique de

Barcelos, após passar pelo "Diário de Campinas" e "Correio de Campinas", fundou o "Comércio de Campinas". Domingos Paulino era um seu grande admirador. Daí ingressou no jornalismo, juntamente com Barcelos, na qualidade de solerte repórter, conseguindo muitos "furos", num ambiente onde predominavam artigos e crônicas.

O jovem filho da península itálica tentou várias profissões, tendo no jornalismo um "bico", pois era sua tendência natural.

Espírito alegre, comunicativo, rumoroso, conquistou toda a sociedade campineira.

Chegou a ser subdelegado de polícia. Entregou-se ao ramo de papelaria e afins, com a Tipografia Paulino, hoje entregue ao seu filho Ernani, coadjuvado por parentes e seu irmão Heitor.

Com muito sabor escreveu e lançou alguns jornaizinhos, tais como "A Bala", "Campineiro" e a revista — "Vinte de Setembro", data da conquista da Itália, nação unificada.

Promoveu grandes festas no círculo de seus patrícios e por toda a sociedade campineira, tornando-se um dos realizadores presidentes da Corporação Musical Italo-Brasileira, hoje Corporação Musical de Campinas.

Outro peninsular que atuou em Campinas, José Gabriel Martins, nascido em Treviso, Itália.

Portanto foram dois filhos da península itálica que deram às suas inteligências e atividades aos jornais de nossa cidade.



**DOMINGOS PAULINO**  
CAMPINAS

CAMPINAS, 28 DE SETEMBRO DE 1975

*Paulino*

"Prof. E. M. Zink"

Campinas

*Documentário de Campinas*



## DOMINGOS PAULINO

Domingos Paulino, jornalista dos mais ativos e estimados de nossa cidade, nasceu em 29 de julho de 1883, em Diamante, província de Cosenza (Itália).

Vindo para o Brasil em companhia de seus pais, Sr. Pascoal Paulino e Sra. Filomena Romiti Paulino, aqui chegou no ano de 1889, fixando residência em Campinas, onde começou a trabalhar como oficial de alfaiate e posteriormente como representante comercial da «Cia Singer» e «Martinelli Cia. de Navegação».

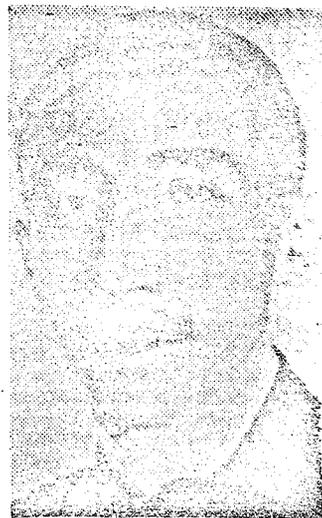
Iniciando em 1908 suas atividades como jornalista profissional, trabalhou no jornal

de Henrique de Barcelos, «Comércio de Campinas», revelando-se, desde logo, «o mais solerte reporter da cidade». Foi mais tarde promovido, nesse mesmo jornal, a chefe de reportagens como prêmio à sua dedicação, tendo acumulado, posteriormente, esse cargo ao de diretor-gerente da conceituada fôlha.

Dedicando-se inteiramente ao jornalismo, Domingos Paulino fundou inúmeros semanários em nossa cidade, entre os quais se destacam «A Bomba» e «A Bala», órgãos patrióticos de defesa dos países aliados, surgidos por ocasião da Grande Guerra de 1914 — 1918. Fundou ainda o hebdomadário «O Campineiro», que defendeu diversas questões de interesse para a cidade, e todos os anos fazia circular uma bem feita edição do «XX de Setembro», anuário comemorativo da marcha sobre Roma, em idioma italiano, no qual não só exaltava vultos e fatos de sua terra natal — a Itália — como também de sua Pátria adotiva — o Brasil.

Domingos Paulino foi, ainda, diretor das sucursais do «Diário Popular», «A Tribuna» e «Fanfala», de São Paulo, e do «Jornal de Brasil», do Rio de Janeiro.

Participando ativamente de todos os movimentos humanitários e progressistas surgidos na cidade, Domingos Paulino colaborou intensamente para a formação e desenvolvimento de inúmeras agremiações campineiras, tendo sido seu nome inscrito como sócio fundador da Associação Comercial de Campinas e Casa de Saúde Campinas. Integrou igualmente a Comissão Pró Estádio do Guarani F. C. e exerceu por muitos anos o cargo de representante da Associação Paulista de Esportes Atlético (APEA), tendo tam-



bém exercido as funções de presidente do Auto F. Club.

Foi ainda presidente da Corporação Musical Italo-Brasileira, no período aureo das comemorações da Independência do Brasil, tendo legado a esta, em sua profícua administração, o prédio de sua sede social, situado à Rua Benjamin Constant.

Exerceu também o cargo de sub-delegado de polícia, evidenciando em todos os momentos o sentido humanitário de suas decisões.

Como vemos, Domingos Paulino foi elemento de real projeção no seio da sociedade campineira, contribuindo grandemente, pelo seu amor à nossa cidade e pelo seu humanismo, para o maior progresso de Campinas.

Reconhecendo o muito que fez Domingos Paulino pela nossa cidade e pelo jornalismo campineiro, a Associação Campineira de Imprensa prestou-lhe significativa homenagem inaugurando seu retrato em sua Galeria da Saudade.

Domingos Paulino faleceu em 28 de setembro de 1926: seus funerais constituíram verdadeira apoteose, tendo a população campineira, em reconhecimento aos serviços que prestou, a Campinas, comparecido em massa para prestar-lhe sua última homenagem.

*Am*



30-10-1956

## HA TRINTA ANOS

O "Diário do Povo" no dia 30 de Setembro de 1926, publicava:

### FALECIMENTO

No dia anterior havia sido realizado o sepultamento do pranteado extinto Domingos Paulino, que há muitos anos militara na imprensa campineira, sendo o primeiro repórter militante. O féretro sairá com grande acompanhamento da sua residência, à rua Ferreira Penteado, sendo o caixão conduzido à mão até a Matriz Nova, onde já era encomendado, sendo logo a seguir transportado para o cemitério da Saudade desta cidade. Ao ser dado à sepultura o corpo, falará em nome do "Fanfulla", jornal do qual o extinto era correspondente em Campinas, o sr. Francisco Pettinati, redator daquela folha. A seguir usará da palavra o sr. Benedito Florêncio, falando em nome dos seus antigos companheiros de imprensa, exaltando as grandes qualidades do extinto, como jornalista. O falecimento de Domingos Paulino, tivera profunda repercussão na imprensa, no seio da colônia italiana, nos meios esportivos, e musicais, causando imenso pesar.

RUA DOMINGOS PAULINO  
*Domingos Paulino - interprete da  
confraternização italo-brasileira*

ANPVI 1457.17

Cavalcante Pinto



Magnífica, na lídima significação do vocábulo, a idéia da publicação deste número do "Correio Popular" magazine em homenagem à laboriosa colônia italiana radicada em Campinas, no passado e no presente.

E assim me expresso, porque vejo que nessa idéia se reflete um preito de merecida justiça àqueles que, procedentes da Itália, aqui acamparam, alguns no século passado outros no século presente, porém, todos eles dispostos a contribuir com o seu esforço e com o seu trabalho para a sublime edificação do progresso de Campinas.

Falo aqui no passado, porque desde os meus primeiros tempos em Campinas, que datam de 1914, contei sempre, entre as pessoas de minhas relações muitos filhos da Itália, dentre os quais um mais de perto fala hoje à minha lembrança, pela marcante influência que a sua amizade teve em minha vida, quando dava eu os passos iniciais na carreira do jornalismo.

Esse de quem, transpostos já sete lustros, ainda me recordo com carinho, chamou-se em vida Domingos Paulino.

Conhecemo-nos no "Comércio de Campinas", então dirigido pelo saudoso Alvaro Muller, jornalista vigoroso, tribuno eloquente e educador notável. Domingos Paulino ali exercia as funções de chefe da reportagem, pois era ele, naqueles tempos, sem favor algum, o mais "solerte reporter da cidade"!

Durante uma greve ocorrida naquele jornal, Domingos Paulino foi indicado pela administração, como mediador, ao passo que me coube a tarefa de parlamentar em nome dos grevistas.

Como sói acontecer em tais casos, compareci à audiência com o espírito prevenido, saturado de advertências, enfim, certo de que estava em face de uma situação delicadíssima e de consequências imprevisíveis.

Felizmente, tudo se resolveu com serenidade, pela sábia doutrina que manda dar a César o que é de César.

Tive, então, oportunidade de verificar que, se Domingos Paulino era o "mais solerte reporter da cidade", como mediano, ninguém lhe podia arrebat



DOMINGOS PAULINO

palma, tal a sua habilidade, espírito de justiça e senso de persuasão.

E justamente dos resultados satisfatórios dessa pendência entre empregados e empregador, nasceu a nossa amizade, mais e mais fortificada com o decorrer dos tempos, dentro e fora da vida de jornal.

Domingos Paulino fez-me aproximar de Alvaro Muller, Vicente Melilo e de outros lidadores do jornal, o que me ofereceu oportunidade de transformar em "letra de fôrma" alguns dos meus primeiros escritos.

Mais tarde, quando lhe saltou ávida à imaginação a verdade de que a profissão de jornalista era então simples "diletantismo" e não o "cadinho" onde o homem devia, com o suor do seu rosto amassar o pão de cada dia para dá-lo aos filhos, Domingos Paulino voltou as vistas para outra atividade e ci-lo com sacrifícios, porem, cheio de fé inabalável, transformado em industrial com a

fundação da "Tipografia Campineira", inicialmente bem modesta, mas que o seu esforço, o seu trabalho a sua perseverança fez atingir a posição de um dos mais importantes estabelecimentos da arte gráfica em Campinas.

Bom amigo, Domingos Paulino quis que eu o acompanhasse, como auxiliar, nessa nova fase da sua vida de lutador indefe-

zido. Tive, assim, oportunidade de acompanhar o progresso a que atingiu a "Tipografia Campineira", graças ao conceito de que gozava no seio de sua freguezia local, e que avançou além fronteiras de Campinas, dando-nos uma prova irretorquível de que o vencedor na missão de jornalista, sobera também triunfar como industrial.

Entretanto, a nova atividade não o sorveu, totalmente, em Domingos Paulino o seu amor pela imprensa. Continuou ele no cargo de correspondente do "Fanfala" — importante órgão italiano da

*Cam*



Imprensa Paulistana — e do "Diário Popular", em cujo desempenho prestou relevantes serviços a Campinas.

E fez mais ainda. Fundou o hebdomadário "O Campineiro", que defendeu diversas questões de interesse para a cidade, e todos os anos fazia circular uma bem feita edição do "XX de Setembro", em idioma italiano, no qual não somente exaltava vultos e fatos do seu berço natal — a Itália — como também vultos e fatos de sua Pátria adotiva — o Brasil!

Este, o perfil de Domingos Paulino, como jornalista e como industrial. Na Imprensa, foi sempre um bom, um justo. Tudo procurava resolver de maneira a não melindrar quem quer que fôsse. Como industrial revelou-se sempre chefe dedicado, oferecendo aos seus auxiliares os melhores exemplos de amor ao trabalho e de honradez.

Vejamos agora o seu perfil de cidadão. Educado no respeito às leis, não se afastou em tempo algum do fiel cumprimento dos seus deveres tendo mesmo colaborado na boa execução da ordem pública como autoridade policial, cargo que exerceu por alguns anos.

Do ponto de vista social, foi excelente chefe de família, amigo leal, cidadão honesto e prestimoso no desempenho de suas atividades tendo procurado sempre honrar a sociedade em que viveu e consolidar, mais a mais, a confiança e amizade de seus pares.

Em suma, elemento de real projeção que foi no seio da laboriosa colônia italiana domiciliada em Campinas, grandemente benquisto por quantos com ele mantiveram relações de amizade, Domingos Paulino exaltou a Itália e honrou o Brasil — as duas pátrias irmanadas no seu coração, para que partilhassem de amor idêntico, de igual dedicação.

A memória do amigo, a quem não negaria, como brasileiro, o nome de irmão esta singela homenagem, que é também contribuição singela ao preto de merecida justiça que o "Correio Popular" magazine rende hoje à laboriosa colônia italiana.

Com

Vultos que a história da imprensa campineira registra com admiração e saudade - Domingos Paulino, inesquecível homem do jornal



O saudoso jornalista Domingos Paulino



Não faz lá muitos anos que Domingos Paulino partiu para a margem espiritual da outra vida, e por isso há ainda muito campineiro que o conheceu pessoalmente, que com ele trabalhou ou com ele manteve amizade.

Era de vê-lo aí pelo centro da cidade, sempre apressado, agitando na mão nervosa um jornal ou algumas tiras de papel... Corria às vezes... às vezes parava, batia um "papiño" com algum conhecido, seguindo depois, apressadamente. Andava, olhando dos lados, cumprimentando uns e outros, sorrindo, pilheriando... Conhecia todo mundo... toda gente o conhecia e o estimava.

Domingos Paulino, italiano de nascimento, tornou-se todo um campineiro no seu amor à hospitaleira terra das andorinhas, radicado a esta gieba pelos laços afetivos, aqui constituindo família, estabelecendo seu lar e o campo de sua atividade realizadora.

Foi trabalhador incansável da imprensa. No "Comércio de Campinas", ao lado de Barcelos, de Alvaro Ribeiro, de Cardoso e tantos outros dedicados obreiros do jornal, Domingos Paulino prestou à imprensa seu inestimável auxílio, naqueles tempos em que o profissional tinha que ser idealista, que se desdobrar em várias atribuições das redações e oficinas e ganhar, às vezes, apenas a comida e receber vales esporádicos...

Domingos Paulino editou (também, durante muitos anos, o periódico ilustrado "XX de Setembro", escrito em italiano e que circulava, todo ano, naquela data histórica da península.

Montou tipografia, imprimiu jornais diversos e revistas.

Embora houvesse ele consagrado à imprensa grande parte de sua atividade produtiva, ainda lhe sobrava tempo para que essa sua atividade fosse subdividida entre a atenção e o auxílio que concedeu, durante largos anos, a diversas corporações musicais da cidade, destacando-se a tradicional e gloriosa Banda Italo-Brasileira, de cuja diretoria fez parte.

Foi, também, elemento valioso na realização de muitos cometimentos da colônia italiana, visando o progresso local e o bem estar de seus compatriotas, destacando-se o Circolo Italiani Uniti, de que foi um dos mais dedicados e entusiasmados cooperadores, na sua criação e instalação.

Foi correspondente, em Campinas, de várias fôlhas paulistanas, sobressaindo o "Fanfulla", ao qual tributou, durante lustros, o concurso de sua inteligência eficaz e seu invulgar dinamismo.

Vulto popular da imprensa campineira, elemento de projeção em todos os movimentos sociais, beneficentes, artísticos, políticos e populares, a figura magra, sorridente e prestimosa de Domingos Paulino se destacava sempre pelo seu entusiasmo contagiante, bondade de coração e empreendimentos valiosos.

Domingos Paulino foi, ainda, sub-delegado de nossa Regional de polícia por muitos anos, imprimindo nesse seu posto orientação segura e capaz, pondo em prática, com real proveito, múltiplas de suas brilhantes iniciativas.

Estabelecido com livraria e papelaria, não esqueceu po-

tem a imprensa, a que dispensou sempre o melhor do seu esforço, com carinho e desprendimento.

Faleceu cercado de grandes amigos, e sua morte ocasionou as maiores mostras de consternação em todas as camadas sociais.

A Associação Campineira de Imprensa tem em sua "Galeria da Saudade" o retrato de Domingos Paulino, aí inaugurado numa justa e sincera homenagem de afeto, apreço e saudade.

Deixou diversos filhos, que hoje seguem a trilha do velho progenitor, mestre do trabalho e do corretismo, e que são hoje homens cumpridores do seu dever, de caráter reto, de coração bondoso, contribuindo todos para o progresso da cidade, honrando o nome e a obra meritória de Domingos Paulino, enaltecendo a memória daquele que foi, acima de tudo, um devotado servidor da imprensa e da gente campineira.

*adm*

DOMINGOS PAULINO



# Um industrial jornalista

Diário do povo - 6.575 - SOUSA FERRAZ

Na rua General Osório, logo adiante do Largo do Rosário, onde passava o bondinho circular da "Estação" e outros, da "Maternidade" e do "Bonfim", a gente lia com frequência uma tabuleta familiar: "Tipografia Paulino". O proprietário, um italiano alto, de meia idade, inteligente e comunicativo, com muitos anos de Brasil, era comerciante e industrial, e também jornalista mais por vocação do que por outras necessidades. Chamava-se Domingos, embora tivesse nascido Domênico.

Domingos Paulino, cioso de sua condição de industrial, quando já não era aprendiz de ofícios, orgulhava-se também de ser jornalista, correspondente do "Fanfulla," de São Paulo.

Desprezado de interesses muito materiais, que jaziam em segundo plano, emprestava o seu entusiasmo intelectual à imprensa de Campinas. Encaminhava com frequência, em italiano, reportagens atualizadas para o jornal paulistano, num estilo novo inaugurado por Leopoldo Amaral, amigo de Júlio Mesquita e correspondente do "Estado de S. Paulo", que mantinha importante sucursal na cidade de Carlos Gomes.

Espírito aberto a amigos e colegas jornalistas, ouvia sem muita zanga piadas de bom gosto que flozeavam a seu respeito os mais galatos do grupo da "Gazeta de Campinas": o revisor Arsênio de Carvalho, dos escritórios da Mojiana; e o jovem repórter festivo Alvaro Villagelin, travesso "moleque" da comédia de José de Alencar, "O demônio familiar", laureado com medalha, quando levada à cena no Teatro Rink, casa de espetáculos gerenciada pelo intelectual Henrique Atino Coelho, cinema nos dias comuns, pista de patinação no inverno e teatro nas temporadas de companhias dramáticas.

Contava-se na época que, por ocasião da passagem, pela estação ferroviária de Campinas, do rei Alberto da Bélgica em visita ao Brasil, anunciada com grande pompa pela imprensa, não foi fácil a Domingos Paulino cumprir a sua missão jornalística e projetar a sua própria figura, tentando a glória de ver de perto o cumprimentar de mão, o herói da Grande Guerra. Parando a multidão que se espremia na plataforma, desejava uma palavra só que fosse para destacar no "Fanfulla".

Atribuía-se a Arsênio, em versões diversas, este relato: "Domingos Paulino, acavalando-se na onda, correu o carregou para perto do comboio especial, procurando vencer o ruído das aclamações gritava, agi-

tando os braços: "Seu rei! Seu rei! Sono Domênico Paulino, correspondente do Fanfulla!" E dando um solavanco para a frente, renteou a janela aberta do carro luxuoso, estirando a mão que o monarca apertou entre outras estendidas, e exclamou: "Seu rei! Como vai a dona rainha?"

O certo, ao que parece, foi que o jornalista, como contava depois, muito orgulhoso, teve a glória suprema de cumprimentar o rei Alberto e saudar a rainha da Bélgica em nome da imprensa.

Em dada ocasião, um forte temporal desabou em Campinas e inundou o matadouro. Os estragos foram documentados em fotografias que a "Gazeta" publicou, informando que foram colhidas pelo repórter Domingos Paulino. O jornalista não gostou. Sentiu-se humilhado. Procurou a redação do jornal para desabafo: "Io no sono riorte... Io sono industriale!"

Teria o jornal do velho sobrado da rua Dr. Quirino retificado a legenda no dia seguinte? Talvez o tivesse feito, não me lembro. Recordo-me apenas que o correspondente do "Fanfulla" passou a ser tratado com mais respeito. Afinal, Domingos Paulino, industrial e jornalista, atuante e prestativo, não era simplesmente um "foca". Fora repórter, é certo, mas em tempo longe, admitido no "Comércio de Campinas" por Henrique de Barcelos. E nos anos antes 1930, iniciais da segunda fase da "Gazeta", Domingos Paulino já possuía tradição na imprensa da cidade.

Elegante, camisa alva engomada, de peito duro, colarinho alto e gravata de laço borboleta, lenço branco no bolsilho e flor na lapela, como nos mostra o clichê com que o hoje historiador Júlio Mariano, nosso velho e prezado confrade de outrora na imprensa de Campinas, evoca o bi-patriota italo-brasileiro, bem merece o lugar que lhe deu o autor no livro sobre a "História da Imprensa de Campinas".

Informa-nos Júlio Mariano que, "natural de Diamante, província de Concenza, Itália, Domingos Paulino aportou ao Brasil em 1889, possivelmente antes da proclamação da República, e fixou residência e iniciou vida de trabalho como aprendiz de alfaiate". "A admiração do italianinho alfaiate por Henrique de Barcelos, que jamais arrefeceu, deveria tocar às raízes do fanatismo. E daí o seu ingresso no jornalismo, em 1908, pelas portas do "Comércio de Campinas", na qualidade de repórter". "Espírito alegre, comunicativo, rumoroso, conquistou facilmente Domingos Paulino estima e popularidade entre todas as classes sociais. Chegou a ser delegado de polícia. Entregando-se por fim ao comércio, de papelaria e artigos afins, acabou montando, anexa ao estabelecimento, uma oficina gráfica, a Tipografia Paulino da qual se valeu para ir lançando de quando em quando os seus jornaizinhos, tais como "A Bomba", "A Bafa" e "Campineiro". "Italiano patriota, comemorava em cada ano a data da conquista da Itália nação unificada, com a revista "Vinte de Setembro". "Foi um dos mais realizadores presidentes da Corporação Musical Italo-Brasileira".

("Correio Popular" Magazine de 20-09-1949)

## Domingos Paulino - intérprete da confraternização italo-brasileira

— Cavalcante Pinto —

Magnífica, na lídima significação do vocábulo, a idéia da publicação deste número do "Correio Popular" magazine em homenagem à laboriosa colônia italiana radicada em Campinas, no passado e no presente.

E assim me expresso, porque vejo que nessa idéia se reflete um preito de merecida justiça àqueles que, procedentes da Itália, aqui acamparam, alguns no século passado outros no século presente, porém, todos eles dispostos a contribuir com o seu esforço e com o seu trabalho para a sublime edificação do progresso de Campinas.

Falo aqui no passado, porque desde os meus primeiros tempos em Campinas, que datam de 1914, contei sempre, entre as pessoas de minhas relações muitos filhos da Itália, dentre os quais um mais de perto fala hoje à minha lembrança, pela marcante influência que a sua amizade teve em minha vida, quando dava eu os passos iniciais na carreira do jornalismo.

Esse de quem, transpostos já sete lustros, ainda me recordo com carinho, chamou-se em vida Domingos Paulino.

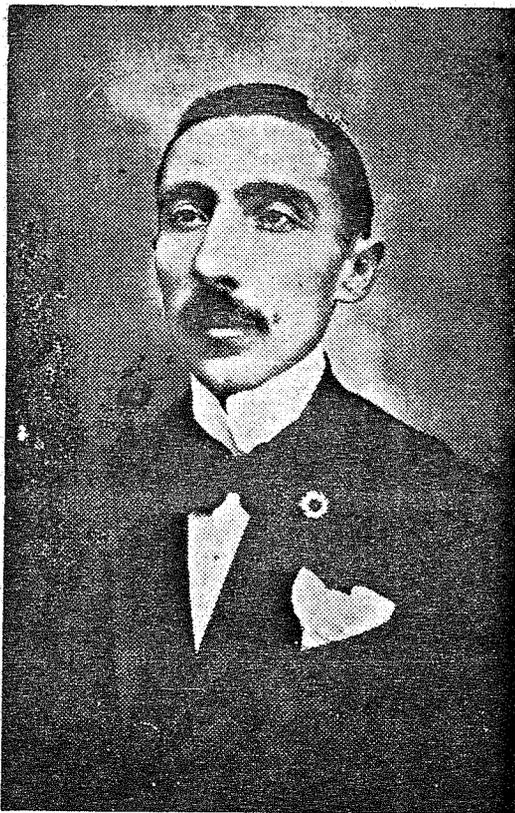
Conhecemo-nos no "Comércio de Campinas", então dirigido pelo saudoso Alvaro Muller, jornalista vigoroso, tribuno eloquente e educador notável. Domingos Paulino ali exercia as funções de chefe da reportagem, pois era ele, naqueles tempos, sem favor algum, o mais "solerte reporter da cidade".

Durante uma greve ocorrida naquele jornal, Domingos Paulino foi indicado pela administração, como mediador, ao passo que me coube a tarefa de parlamentar em nome dos grevistas.

Como sói acontecer em tais casos, compareci à audiência com o espírito prevenido, saturado de advertências, enfim, certo de que estava em face de uma situação delicadíssima e de consequências imprevisíveis.

Felizmente, tudo se resolveu com serenidade, pela sábia doutrina que manda dar a César o que é de César.

Tive, então, oportunidade de verificar que, se Domingos Paulino era o "mais solerte reporter da cidade", como mediano, ninguém lhe podia arrebatçar a



DOMINGOS PAULINO

palma, tal a sua habilidade, espírito de justiça e senso de persuasão.

E justamente dos resultados satisfatórios dessa pendência entre empregados e empregador, nasceu a nossa amizade, mais e mais fortificada com o decorrer dos tempos, dentro e fora da vida de jornal.

Domingos Paulino fez-me aproximar de Alvaro Muller, Vicente Melillo e de outros líderes do jornal, o que me ofereceu oportunidade de transformar em "letra de fôrma" alguns dos meus primeiros escritos.

Mais tarde, quando lhe saltou ávida à imaginação a verdade de que a profissão de jornalista era então simples "diletantismo" e não o "cadinho" onde o homem devia, com o suor do seu rosto amassar o pão de cada dia para dá-lo aos filhos, Domingos Paulino voltou as vistas para outra atividade e ei-lo com sacrifícios, porem, cheio de fé inabalável, transformado em industrial com a

fundação da "Tipografia Campineira", inicialmente bem modesta, mas que o seu esforço, o seu trabalho a sua perseverança fez atingir a posição de um dos mais importantes estabelecimentos da arte gráfica em Campinas.

Bom amigo, Domingos Paulino quis que eu o acompanhasse, como auxiliar, nessa nova fase da sua vida de lutador indefeço.

Tive, assim, oportunidade de acompanhar o progresso a que atingiu a "Tipografia Campineira", graças ao conceito de que gozava no seio de sua freguezia local, e que avançou além fronteiras de Campinas, dando-nos uma prova irretorquível de que o vencedor na missão de jornalista, soubera também triunfar como industrial.

Entretanto, a nova atividade não oзорveu, totalmente, em Domingos Paulino o seu amor pela Imprensa. Continuou ele no cargo de correspondente do "Fanfula"

— importante órgão italiano da laboriosa colônia italiana.

Imprensa Paulistana — e do "Diário Popular", em cujo desempenho prestou relevantes serviços a Campinas.

E fez mais ainda. Fundou o hebdomadário "O Campineiro" que defendeu diversas questões de interesse para a cidade, e todos os anos fazia circular uma bem feita edição do "XX de Setembro", em idioma italiano, no qual não somente exaltava vultos e fatos do seu berço natal — a Itália — como também vultos e fatos de sua Pátria adotiva — o Brasil!

Este, o perfil de Domingos Paulino, como jornalista e como industrial. Na Imprensa, foi sempre um bom, um justo. Tudo procurava resolver de maneira a não melindrar quem quer que fosse. Como industrial revelou-se sempre chefe dedicado, oferecendo aos seus auxiliares os melhores exemplos de amor ao trabalho e de honradez.

Vejamos agora o seu perfil de cidadão. Educado no respeito às leis, não se afastou em tempo algum do fiel cumprimento dos seus deveres tendo mesmo colaborado na boa execução da ordem pública como autoridade policial, cargo que exerceu por alguns anos.

Do ponto de vista social, foi excelente chefe de família, amigo leal, cidadão honesto e prestimoso no desempenho de suas atividades tendo procurado sempre honrar a sociedade em que viveu e consolidar, mais a mais, a confiança e amizade de seus pares.

Em suma, elemento de real projeção que foi no seio da laboriosa colônia italiana domiciliada em Campinas, grandemente benquistado por quantos com ele mantiveram relações de amizade, Domingos Paulino exaltou a Itália e honrou o Brasil — as duas pátrias irmanadas no seu coração, para que partilhassem de amor idêntico, de igual dedicação.

À memória do amigo, a quem não negaria, como brasileiro, o nome de irmão esta singela homenagem, que é também contribuição singela ao preito de merecida justiça que o "Correio Popular" magazine rende hoje à

# A FAVORITA, A MAIOR CASA DE LOTERIAS DE CAMPINAS

Filiais em todos os bairros da cidade